

Apostas Online e Perfil de Jogadores: uma análise com acadêmicos do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UEM

Online Betting and Player Profile: An Analysis of Students from the Applied Social Sciences Center at UEM

Patrícia de Oliveira Correia¹  e Vilma Meurer Sela² 

¹ Universidade Estadual de Maringá - UEM, Graduanda em Administração, email: ra133222@uem.br

² Universidade Estadual de Maringá - UEM, Doutora em Administração Pública e Governo - FGV, professora do Departamento de Administração - UEM, e-mail: vmsela@uem.br

RESUMO

O estudo teve como objetivo investigar a prática de apostas online entre estudantes vinculados ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CSA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Adotou-se uma abordagem quantitativa, com a coleta de dados realizada por meio de questionário estruturado, aplicado via Google Forms a estudantes dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Economia e Direito. Os dados foram analisados com base em métodos estatísticos descritivos. Os resultados indicaram que aproximadamente 30% dos participantes haviam se envolvido em práticas de apostas. Entre esses, predominam estudantes do sexo masculino, com idades entre 18 e 24 anos, cuja motivação inicial foi o entretenimento. A maioria relatou comportamento de aposta esporádico e não identificou, até o momento, consequências negativas significativas, embora casos isolados apontem impactos emergentes. Conclui-se que as apostas configuram um fenômeno contemporâneo e socialmente normalizado como forma de lazer, com implicações relevantes nas esferas financeira, psicológica e social, reforçando a necessidade de abordar o tema sob a ótica da saúde pública, com foco em estratégias preventivas.

Palavras-chave: Mercado de apostas. Comportamento do jogador. Riscos e recompensas.

ABSTRACT

This study aimed to examine the phenomenon of online gambling among students enrolled in the Center for Applied Social Sciences (CSA) at Maringá State University (UEM). Adopting a quantitative approach, data were collected through structured questionnaires administered via Google Forms to undergraduate students in Administration, Accounting, Economics, and Law. The data was analyzed using descriptive statistical methods. The findings indicated that approximately 30% of participants had engaged in gambling activities. Among them, male students aged 18 to 24 predominated, with entertainment identified as the primary motivation. Most respondents reported sporadic gambling behavior and had not yet perceived significant negative consequences, although isolated cases suggested emerging impacts. The study concludes that gambling represents a contemporary and socially normalized form of entertainment with relevant financial, psychological, and social implications, reinforcing the need to address this phenomenon within a public health framework that prioritizes preventive strategies.

Keywords: Betting market. Player behavior. Risks and rewards.

1 INTRODUÇÃO

A prática de apostas e jogos de azar faz parte da cultura brasileira desde o período colonial, no século XVI, quando foi introduzida como forma de entretenimento e adotada por diferentes classes sociais (IBJR, 2023). Este contexto evoluiu ao longo dos séculos, culminando na chamada "Era de Ouro" dos cassinos e jogos de azar, que marcou a primeira metade do século XX. Contudo, em 1946, o decreto que proibiu os jogos de azar no Brasil trouxe mudanças significativas, restringindo as práticas ao âmbito da Loteria Federal, previamente regulamentada pelo governo (IBJR, 2023).

Com o advento da internet na década de 1990, as apostas esportivas online começaram a ganhar popularidade globalmente, oferecendo uma nova forma de acesso e alcance a mercados como o brasileiro (Carvalho, 2024). Este movimento foi amplificado em 2018, quando uma legislação sancionada pelo então presidente Michel Temer regulamentou as apostas esportivas de cota fixa, facilitando a expansão do mercado no país. O avanço tecnológico e a ampla disseminação de dispositivos móveis tornaram as apostas ainda mais acessíveis, integrando-se ao cotidiano de milhões de brasileiros. O crescimento acelerado do setor reflete não apenas o interesse dos consumidores, mas também a entrada de grandes empresas no mercado nacional, que passaram a investir fortemente em publicidade e patrocínios, especialmente no setor esportivo.

Associadas principalmente aos campeonatos esportivos, as apostas têm registrado crescimento expressivo nos últimos anos. Contudo, essa popularização também trouxe à tona uma série de problemas relacionados ao descontrole emocional e financeiro dos apostadores. Estudos indicam que a sensação inicial de vitória pode criar uma falsa percepção de solução para problemas financeiros, levando o indivíduo a persistir em uma prática que, muitas vezes, resulta em perdas acumulativas. Essa aversão à perda e o comportamento impulsivo acabam por gerar um ciclo vicioso, no qual o jogador busca incessantemente recuperar o que foi perdido (Portal FGV, 2024). Além disso, a acessibilidade das plataformas online e a possibilidade de apostas rápidas incentivam tais comportamentos compulsivos, tornando o controle financeiro ainda mais desafiador para os jogadores habituais.

O vício em apostas está frequentemente associado a comportamentos compulsivos e pode desencadear graves consequências psicológicas e sociais, como ansiedade, frustração e desesperança (Mello, 2024). Além do mais, os impactos financeiros podem ser profundos, afetando não apenas o jogador, mas também seus familiares. Apesar de regulamentadas, as plataformas de

apostas – conhecidas como "Bets" – carecem de mecanismos robustos de proteção ao apostador e de programas abrangentes de conscientização. Segundo Marcelo Pereira de Mello, professor da Universidade Federal Fluminense, mesmo com a regulamentação, o setor apresenta riscos significativos para indivíduos vulneráveis ao desenvolvimento de vícios (Galvão, 2024). Dessa forma, a regulamentação por si só não tem sido suficiente para mitigar os riscos associados às apostas online (Silva et al., 2024), sendo necessário um esforço conjunto para a implementação de políticas públicas de prevenção, envolvendo instituições de ensino, famílias, governo e sociedade civil.

Em comparação com adultos da população em geral, estudantes universitários podem estar mais propensos a sofrer de transtornos de jogo problemático, especialmente se estiverem interessados em esportes ou apostas esportivas (El Khatib, 2024). Dessa forma, nos últimos anos, investigações internacionais têm examinado o fenômeno das apostas online entre estudantes de ensino superior, evidenciando implicações significativas nos âmbitos pessoal, social, financeiro, psicológico, físico, ocupacional e acadêmico (Nowak, 2018; El Khatib, 2024).

Também no Brasil, a comunidade científica e levantamentos institucionais têm concentrado atenção à prática de apostas online entre jovens e universitários (El Kabit, 2024, Kleine, 2025, Agência Brasil, 2025). Estudo com universitários brasileiros relatam percentuais elevados de participação em apostas esportivas, indicando que uma parte significativa dos estudantes já apostou e uma parcela expressiva apresenta apostas regulares, o que sugere ampla penetração desse comportamento no meio acadêmico (El Khatib, 2024). Levantamento recente indica que uma parcela significativa (33%) dos jovens teve o início da graduação em faculdades particulares adiado em razão dos gastos com apostas virtuais e que 34,4% dos participantes precisarão interromper seus gastos com bets para conseguir ingressar no ensino superior no início de 2026 (Agência Brasil, 2025), ressaltando que o impacto desse tipo de prática ultrapassa o entretenimento e pode comprometer a formação universitária dos jovens.

Apesar do crescente número de investigações, tanto internacionais quanto nacionais, sobre o envolvimento de universitários em apostas online, ainda há uma lacuna de estudos no Brasil que abordem o fenômeno sob a perspectiva da saúde pública, despertando para a importância de estratégias de conscientização e intervenções que promovam práticas mais responsáveis (Silva et al., 2024). Assim, o artigo tem como objetivo investigar a prática de apostas online entre os acadêmicos dos cursos do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CSA) da Universidade Estadual de Maringá, buscando identificar a adesão a jogos e apostas entre os acadêmicos, bem como

compreender o perfil dos praticantes e as implicações que a prática resulta na saúde financeira e mental dos mesmos.

O estudo contribui para ressaltar a necessidade de maior conscientização sobre os potenciais riscos associados à prática. Ao trazer à luz os desafios gerados pela prática descontrolada de apostas, espera-se contribuir para a conscientização pública e para a ampliação do debate acadêmico sobre este tema de crescente relevância, visando a criação de estratégias preventivas.

2 O MERCADO DE JOGOS E APOSTAS NO BRASIL

2.1 Antecedentes Históricos e Regulamentação

As apostas fazem parte da cultura brasileira há séculos, tendo sido introduzidas pelos colonos europeus no século XVI com jogos de cartas e dados (IBJR, 2023). No século XVIII, surgiram as primeiras casas de apostas e as corridas de cavalo, populares entre a elite (IBJR, 2023).

Em 1892, o jogo do bicho foi criado no Rio de Janeiro pelo Barão João Batista Viana Drummond para financiar seu zoológico, tornando-se rapidamente popular, embora permaneça ilegal até hoje (IBJR, 2023).

A Loteria Federal foi regulamentada em 1917, ano em que o governo também proibiu os jogos de azar e cassinos. Essa proibição foi suspensa em 1934 por Getúlio Vargas, dando início à "Era de Ouro" dos cassinos, que impulsionou o turismo e a economia com eventos luxuosos (IBJR, 2023). Cassinos relevantes estavam localizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Esse período florescente terminou em 1946, quando o presidente Eurico Gaspar Dutra emitiu o Decreto-Lei 9.125, proibindo jogos de azar. A proibição causou retrocessos econômicos significativos, incluindo perdas de receita tributária e desemprego generalizado (IBJR, 2023).

As apostas esportivas no Brasil começaram em 1969 com as loterias esportivas, legalizadas pelo Decreto-lei nº 594. O jogo, baseado na previsão de resultados de partidas de futebol, tornou-se popular devido à paixão nacional pelo esporte e ao apoio da mídia (Chagas, 2016). O governo justificava sua legalização como um meio de desenvolver o futebol. No entanto, na década de 1980, a prática perdeu força devido à inflação, às baixas chances de vitória e a um escândalo de corrupção revelado em 1982, envolvendo manipulação de resultados e mais de 125 pessoas, afastando ainda mais o público (Chagas, 2016).

Todavia, com o advento da internet na década de 1990, as apostas esportivas online começaram a ganhar popularidade globalmente, oferecendo uma nova forma de acesso e alcance a

mercados como o brasileiro (Carvalho, 2024). O autor acrescenta que o rápido crescimento da internet no início dos anos 2000 acelerou a expansão da indústria de apostas esportivas, combinando a paixão do país por esportes com o potencial de ganho financeiro (Carvalho, 2024).

Plataformas estrangeiras começaram a operar no país, explorando lacunas na legislação vigente e tornando a fiscalização mais complexa. Esse cenário ampliou as discussões sobre a necessidade de estabelecer regras claras para o setor. Carvalho (2024) observa que as transações financeiras entre apostadores e empresas de apostas necessitavam de estruturas regulatórias, levando os países a adotar abordagens variadas — desde políticas liberais até supervisão rigorosa.

Em 2015, o debate ganhou novos contornos quando o Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou uma análise sobre a constitucionalidade das proibições impostas aos jogos de azar. Esse movimento reacendeu o diálogo nacional, evidenciando a relevância de uma regulamentação mais abrangente e adequada à realidade contemporânea, culminando na Lei nº 13.756/2018, sancionada pelo presidente Michel Temer, que autoriza apostas esportivas de *odds* fixas. Essa lei visava regulamentar apostas em eventos com resultados predefinidos. No entanto, regulamentações abrangentes eram necessárias para legalizar e controlar totalmente o mercado.

À medida que as apostas esportivas online ganharam popularidade, inúmeras plataformas investiram no Brasil, fazendo parcerias com clubes de futebol e patrocinando grandes eventos, como o Brasileirão. As apostas esportivas se tornaram uma fonte primária de patrocínio para as ligas brasileiras de futebol, por meio das Bets. O termo "bet" deriva do verbo inglês "to bet" e ganhou amplo reconhecimento devido à sua acessibilidade (Estadão, 2024). Plataformas líderes como Betano, Bet365, Estrela Bet, Sportingbet, Betnacional e Stake conquistaram mercados, inclusive o brasileiro. As principais casas de apostas têm origem europeia, com muitas se beneficiando de regimes fiscais favoráveis, como a Ilha de Malta ou operando em paraísos fiscais caribenhos (Lance, 2024; UOL, 2024).

Para aprimorar a Lei nº 13.756/2018, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal do Brasil incluíram o jogo online em suas deliberações, visando regulamentar o setor por meio de medidas que abordem lavagem de dinheiro, segurança de dados e participação de menores (GOV, 2024). Em 2023, o governo federal acelerou o processo de regulamentação ao introduzir estruturas de tributação e licenciamento para o setor. Em dezembro de 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva promulgou a Lei nº 14.790/2023, que rege as apostas de cotas fixas e altera a Lei nº 13.756/2018 e outros dispositivos legais. Esta legislação descreve as regras de tributação, distribuição de receitas e as responsabilidades do Ministério da Fazenda na regulamentação,

autorização, monitoramento e supervisão das atividades de apostas no Brasil (BRASIL, 2023). Além disso, o governo criou a Secretaria de Prêmios e Apostas (SPA) para coibir jogos ilegais e aumentar as receitas fiscais.

Essa regulamentação confere legitimidade às plataformas de apostas online (bets), distinguindo-as dos jogos de azar, que permanecem proibidos por lei. Consequentemente, a responsabilização dos proprietários desses aplicativos torna-se mais complexa, uma vez que muitas dessas plataformas estão hospedadas em servidores estrangeiros (Politize, 2024). Investigações indicam que alguns desses jogos operam em plataformas clandestinas e não sujeitas a auditoria, estando, em diversos casos, vinculados a esquemas de pirâmide.

A trajetória das casas de apostas no Brasil é caracterizada por um histórico de concessões e proibições, que recentemente evoluiu para um movimento em direção à regulamentação e à concessão permanente. Nos últimos anos, mudanças significativas foram implementadas, especialmente com a recente regulamentação, que visa proporcionar maior segurança e transparência ao setor, inaugurando um novo capítulo em sua história. No entanto, é fundamental permanecer atento aos desafios que esse crescimento representa, uma vez que a ampla popularização das apostas pode acarretar sérias consequências para a saúde financeira e mental dos apostadores.

2.2 Perfil dos Apostadores e Implicações à Saúde Financeira e Mental

O apelo duradouro das apostas no Brasil reside em seu duplo papel, como entretenimento e como fonte potencial de ganho financeiro. Esse apelo é intensificado por sua associação a campeonatos de futebol e até mesmo *reality shows*. A proliferação de promoções de jogos de azar durante eventos esportivos televisionados pode ser vista como um agente de formação de atitude, especialmente para homens jovens como adolescentes e estudantes universitários (El Khatib, 2024).

O Instituto Brasileiro de Jogo Responsável (IBJR) reconhece a importância de regulamentar a indústria de apostas para gerar empregos e estabelecer supervisão legal. No entanto, destaca a falta generalizada de educação financeira entre os brasileiros, que geralmente leva o indivíduo a priorizar o jogo em vez das despesas mensais, fomentando o vício e a desestabilização financeira (IBJR, 2023).

Um estudo realizado em agosto de 2024 pelo Instituto Locomotiva revelou um aumento acentuado no número de brasileiros envolvidos em atividades de apostas, com uma média de 3,5

milhões de novos apostadores por mês. O estudo também descobriu que 48% dos participantes eram novos em apostas nos últimos cinco anos. Os homens constituíam 53% da população apostadora, enquanto as mulheres representavam 47%. Entre esses apostadores, 40% tinham entre 18 e 29 anos, 41% entre 30 e 49 e 19% tinham mais de 50 anos. A maioria dos apostadores (80%) veio das classes C, D e E, enquanto apenas 20% eram das classes A e B. Além disso, 60% dos que ganharam relataram reinvestir seus ganhos ou apostar todos os seus ganhos (Poder360, 2024).

Renato Meireles, presidente do Instituto Locomotiva, atribui essa tendência à conveniência das apostas móveis e às extensas campanhas publicitárias das plataformas de apostas, que patrocinam times de futebol, shows e grandes eventos. Alarmanamente, 86% desses indivíduos relataram estar endividados, com 64% listados como inadimplentes no banco de dados do Serasa. Entre esses indivíduos endividados, 31% participavam ativamente de apostas online. A principal motivação para o jogo era a oportunidade percebida de ganhar dinheiro rápido e fácil, muitas vezes atraente para indivíduos já em dificuldades financeiras que veem as apostas como uma solução para seus problemas de dívida (Poder360, 2024).

O mercado de jogos de azar e apostas no Brasil tem gerado consequências sociais significativas, exigindo uma gestão cuidadosa, principalmente por parte das autoridades públicas. A facilidade de acesso a esse mercado aumenta o risco de dependência, levando a impactos adversos tanto na saúde mental quanto na estabilidade financeira dos apostadores. Estudos mostram que a dependência em jogos de apostas está associada a problemas como ansiedade e depressão, agravados pela pressão para recuperar perdas financeiras (El Khatib, 2024). Além disso, segundo El Khatib (2024), a exposição precoce às apostas pode aumentar a suscetibilidade ao vício, especialmente entre adolescentes cujos cérebros ainda estão em desenvolvimento.

Muitos veem o jogo como um meio de escapar da dívida, mas muitas vezes resultam em dificuldades financeiras ainda maiores. A concentração da atividade de apostas entre indivíduos nas classes socioeconômicas C, D e E agrava as dificuldades financeiras para famílias vulneráveis, desviando renda de bens e serviços essenciais e, consequentemente, comprometendo o orçamento familiar (Academia das Apostas, 2024).

As apostas online apresentam não apenas riscos financeiros, mas também psicológicos. Aproximadamente 67% dos entrevistados relataram conhecer alguém viciado em jogos de azar, com o vício levando à ansiedade, conflitos familiares e de trabalho e outras dependências (Poder360, 2024). Esses números alarmantes ressaltam a necessidade de uma regulamentação mais rigorosa das plataformas de apostas e iniciativas mais amplas de conscientização pública. Essas

medidas devem incluir programas de educação financeira voltados para todas as faixas etárias, de crianças em idade escolar a idosos, apoiados pelo governo federal.

Expandir a educação financeira em todos os níveis acadêmicos é essencial para preparar os indivíduos para uma vida adulta financeiramente estável. Pesquisa revela que 45% dos entrevistados tiveram perdas financeiras, 37% desviaram dinheiro destinado a contas e 30% enfrentaram problemas de relacionamento pessoal devido ao jogo (Estadão, 2024). A pesquisa mostra que o número de apostas aumentou a partir de janeiro de 2024, devido a regulamentação das bets no Brasil, por meio da Lei 14.790/2023 (Estadão, 2024).

Outra controvérsia significativa em torno desse mercado é a popularidade de jogos de azar. Esses jogos têm como alvo públicos de todas as idades, especialmente crianças, por meio de visuais coloridos e ampla promoção em plataformas como WhatsApp e Instagram. Recentemente, investigações policiais implicaram influenciadores digitais na promoção desses jogos como maneiras confiáveis e fáceis de ganhar dinheiro, apesar de seu status ilegal. Incentivados a participar, muitos apostadores perderam somas substanciais, inicialmente atraídos por pequenos ganhos e pela ilusão de lucros fáceis para compensar suas perdas financeiras.

Um caso emblemático ocorreu na cidade de Maringá (PR), onde uma empresária, influenciada por famosos influenciadores digitais, perdeu todo o capital investido, incluindo os ganhos obtidos com apostas. Ela recorreu a empréstimo bancário na tentativa de recuperar o que perdeu, sem êxito. No momento da reportagem, estava com uma dívida de R\$ 110.000,00, acumulando um prejuízo total de R\$ 160.000,00, somando todo o valor gasto (G1, 2024). Segundo o delegado Tiago Dantas, da Delegacia de Estelionatos do Paraná, jogos ilegais podem ser utilizados para lavagem de dinheiro e têm estruturas de associações ou organizações criminosas (G1, 2024).

Psicólogos explicam que a dependência de apostas segue um padrão semelhante ao do álcool: começa com doses pequenas e gradualmente foge do controle. O problema já afeta crianças e adolescentes, como exemplificado por um jovem de 16 anos que perdeu R\$ 400,00 em uma hora jogando um jogo de azar e relatou que a perda aumentava o desejo de continuar jogando para recuperar o dinheiro (Pública, 2024). Estudos da UNICEF revelam que 22% dos adolescentes entrevistados apostaram pela primeira vez aos 11 anos, enquanto 78% iniciaram a partir dos 12 anos (Pública, 2024). Influenciadores digitais menores de idade também foram denunciados por promoverem links de acesso para sites de apostas, expondo crianças e adolescentes a essa prática ilegal.

O problema se agrava quando os recursos de programas governamentais como o "Pé de Meia" são usados para apostas, uma situação que preocupa especialistas. O programa visa incentivar estudantes de famílias de baixa renda a frequentarem aulas do ensino médio, mas a falta de restrições específicas para o uso do dinheiro tem levado a casos de uso inadequado (Lunetas, 2024). O professor Gilmar Soares Ferreira, do Mato Grosso, destacou que mesmo com legislação estadual proibindo o uso de celulares em sala de aula desde 2015, alunos burlam os bloqueios para acessar jogos ilegais (Pública, 2024). Segundo ele, a ilusão de ganhos fáceis desestimula os alunos a estudarem (Pública, 2024).

Especialistas, como o psicólogo Rodrigo Nejm, do Instituto Alana, ressaltam a importância do envolvimento das famílias, alunos e educadores na organização da rotina digital, com foco na conscientização sobre a manipulação desses aplicativos (Pública, 2024). Bianca Orrico, da SaferNet Brasil, também defende a educação digital como ferramenta essencial para o uso seguro da internet (Pública, 2024). Nesse contexto, o programa "Cidadania Digital", criado pela SaferNet Brasil, em parceria com o Governo do Reino Unido, tem sido uma iniciativa eficaz para preparar educadores e alunos para o uso responsável da tecnologia. Desde 2023, está disponível em todo o país para estudantes do ensino fundamental e médio, sendo gratuito para escolas públicas e privadas (SaferNet, 2023).

Diante desse cenário preocupante, pesquisadores brasileiros publicaram uma carta aberta ao governo federal e à sociedade, alertando sobre a necessidade de pesquisas abrangentes para lidar com os impactos do crescimento das apostas online no Brasil. A falta de fundos destinados a esses estudos compromete a elaboração de diretrizes eficazes para regulamentar a publicidade descontrolada, a atuação das plataformas e os efeitos viciantes das apostas (Silva et al., 2024).

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva-quantitativa. A abordagem descritiva foi escolhida devido ao objetivo de descrever características de uma população ou fenômeno específico, bem como estabelecer relações entre variáveis (Gil, 2008; Vergara, 2000), definindo sua natureza, sem o compromisso de explicar os fenômenos descritos, mas fornecendo subsídios para explicações futuras (Vergara, 2000). A abordagem quantitativa fundamenta-se no uso da quantificação tanto na coleta de informações quanto no tratamento dos dados por meio de técnicas estatísticas (Richardson, 1999).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, composto por uma sequência ordenada de perguntas, respondidas de forma autônoma pelos participantes, sem a presença do pesquisador (Marconi & Lakatos, 2003). O público-alvo incluiu acadêmicos de quatro cursos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), vinculados ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CSA) – Administração, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Direito. A aplicação da pesquisa ocorreu entre os dias 26 de outubro e 1º de novembro de 2024, por meio de um questionário elaborado no Google Forms. O instrumento, desenvolvido com base em levantamentos científicos e institucionais, contemplou variáveis relacionadas ao perfil socioeconômico dos participantes, à frequência e motivação das apostas, bem como aos impactos percebidos na saúde financeira e mental, assegurando alinhamento teórico e validade dos dados obtidos. A pesquisa foi divulgada via WhatsApp, Instagram e Google Classroom, resultando em 152 respostas válidas, com predominância de acadêmicos do curso de Administração e de não jogadores/apostadores.

Esta investigação integra o projeto de extensão Finanças 360, vinculado ao Departamento de Administração da UEM, que busca gerar dados informativos para subsidiar outras iniciativas do projeto, como orientação financeira, eventos educacionais (palestras, cursos, minicursos) e a produção de conteúdo multimídia, incluindo podcasts.

Os dados foram tabulados automaticamente pela ferramenta de coleta e analisados utilizando estatística descritiva, com suporte de planilhas eletrônicas para organização e interpretação. Essa abordagem metodológica permitiu a sistematização das informações coletadas, promovendo uma análise clara e objetiva dos resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Apresentação dos Resultados

A seção apresenta inicialmente as características gerais dos respondentes (Tabela 01-A), para, posteriormente, abordar o perfil dos estudantes que demonstraram adesão à prática (Tabela 01-B). O levantamento foi realizado por meio de um questionário eletrônico (Google Forms), resultando em 156 respostas. No entanto, quatro respondentes estavam matriculados em cursos não vinculados ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, sendo, portanto, excluídos do banco de dados. Assim, a amostra final foi composta por 152 respostas válidas.

Entre os 152 participantes, a maioria se identifica com o sexo feminino (55,3%), seguido do masculino (44,1%) e de um respondente que se identifica como não binário (0,7%). A faixa etária predominante é de 18 a 24 anos (87,5%), seguida pelas faixas de 25 a 34 anos (6,6%), 35 a 44 anos (2,6%) e 45 a 54 anos (2,6%). Apenas um respondente (0,6%) tem menos de 18 anos. Quanto ao estado civil, a maioria declarou ser solteira (86,8%), seguida de casada (7,9%) e em união estável (5,3%).

No que se refere ao curso em que estão matriculados, a maior parte dos respondentes cursa Administração (50,7%), seguida por Direito (19,7%), Ciências Econômicas (17,8%) e Ciências Contábeis (11,8%). A maioria dos estudantes frequenta o período matutino (57,2%). Em relação ao ano de ingresso, observou-se maior participação de alunos dos anos iniciais (primeiro ao terceiro ano, ingressantes entre 2022 e 2024). Apenas 9,2% dos respondentes estão matriculados no quinto ano (ingressantes em 2020).

Com relação à renda, a maior parte dos participantes (74,3%) declarou possuir renda de 0 a 3 salários mínimos, enquanto 15,8% afirmaram não ter renda. As principais fontes de renda relatadas foram salário (42,1%), bolsa de estágio (32,2%), mesada (15,1%) e renda de investimentos (7,2%). Outras fontes, como bolsa de iniciação científica, atividades de freelancer, pensão alimentícia e pensão por morte, também foram mencionadas. É importante destacar que essa pergunta permitia respostas múltiplas.

No tocante à ocupação, além de estudantes, 33,6% dos participantes realizam estágio, 25% são empregados em empresas privadas, 5,3% atuam como funcionários públicos e 4,6% são empresários. Outros 9,2% declararam exercer atividades diversas, como trabalho freelancer, dentre outros.

Quando questionados sobre o hábito de realizar apostas e jogos, os resultados revelaram que a maioria (73,7%) nunca havia participado dessa prática. Entre os demais, 24,3% relataram realizar apostas ocasionalmente, e apenas 2% declararam fazê-lo com frequência elevada. Em média, cerca de três a cada dez participantes reportaram envolvimento com jogos e apostas, um resultado próximo ao observado na pesquisa do Instituto Locomotiva, que aponta dois apostadores a cada dez indivíduos das classes A ou B (Poder360, 2024).

A Tabela 01 apresenta a caracterização dos pesquisados em geral (152 respondentes) e dos praticantes de apostas (40 respondentes).

Tabela 01 – Caracterização dos Pesquisados

(A) TOTAL DOS PESQUISADOS		(B) APOSTADORES/JOGADORES	
GÊNERO		GÊNERO	
Feminino	55,3%	Feminino	37,5%
Masculino	44,1%	Masculino	62,5%
Não binário	0,7%	Não binário	0,0%
IDADE		IDADE	
Menos de 18 anos	0,7%	Menos de 18 anos	2,5%
18-24 anos de idade	87,5%	18-24 anos de idade	80,0%
25-34 anos de idade	6,6%	25-34 anos de idade	7,5%
35-44 anos de idade	2,6%	35-44 anos de idade	5,0%
45-54 anos de idade	2,6%	45-54 anos de idade	5,0%
ESTADO CIVIL		ESTADO CIVIL	
Solteiro(a)	86,8%	Solteiro(a)	85,0%
Casado(a)	7,9%	Casado(a)	10,0%
União estável	5,3%	União estável	5,0%
CURSO		CURSO	
Administração	50,7%	Administração	60,0%
Ciências Contábeis	11,8%	Ciências Contábeis	17,5%
Ciências Econômicas	17,8%	Ciências Econômicas	15,0%
Direito	19,7%	Direito	7,5%
TURNO DO CURSO		TURNO DO CURSO	
Matutino	57,2%	Matutino	42,5%
Noturno	39,5%	Noturno	55,0%
Integral	3,3%	Integral	2,5%
ANO DE INGRESSO		ANO DE INGRESSO	
2024	23,7%	2024	15,0%
2023	27,6%	2023	32,5%
2022	34,2%	2022	27,5%
2021	17,1%	2021	20,0%
2020	9,2%	2020	5,0%
RENDA MÉDIA MENSAL		RENDA MÉDIA MENSAL	
Não tenho renda	15,8%	Não tenho renda	15,0%
0 a 3 Salários Mínimos	74,3%	0 a 3 Salários Mínimos	67,5%
3 a 5 Salários Mínimos	4,6%	3 a 5 Salários Mínimos	10,0%
5 a 10 Salários Mínimos	3,3%	5 a 10 Salários Mínimos	2,5%
Acima de 10 SM	2,0%	Acima de 10 SM	5,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Do total de respondentes, 40 acadêmicos indicaram adesão a jogos e apostas, seja de forma casual ou com alta frequência. Para esses participantes, o formulário foi direcionado para seções adicionais, com questões específicas para compreender o perfil de jogador/apostador. Para os respondentes que declararam não realizar essa prática, a pesquisa foi encerrada neste ponto.

A Tabela 01-B apresenta a caracterização dos jogadores e apostadores. Observou-se uma predominância do gênero masculino (62,5%), em concordância com o estudo do Instituto Locomotiva, que identificou os homens como a maioria da população apostadora (53%) (Poder360, 2024). Quanto à faixa etária, a maior parte dos apostadores tem entre 18 e 24 anos (80,0%),

divergindo dos dados do Instituto Locomotiva, que apontam que 40% dos apostadores têm entre 18 e 29 anos (Poder360, 2024). Essa divergência é explicada pelo fato de a pesquisa ter sido realizada com estudantes universitários, predominando indivíduos com idade inferior à de 24 anos.

Quanto ao curso em que estão matriculados, observou-se uma predominância de estudantes de Administração (60,0%), seguidos por Ciências Contábeis (17,5%), Ciências Econômicas (15,0%) e, por fim, Direito (7,5%). A alta concentração de estudantes de Administração entre os jogadores reflete a tendência observada no grupo total de respondentes (50,7%), com um leve aumento na representatividade entre os apostadores. A maioria dos estudantes frequenta o período noturno (55,0%).

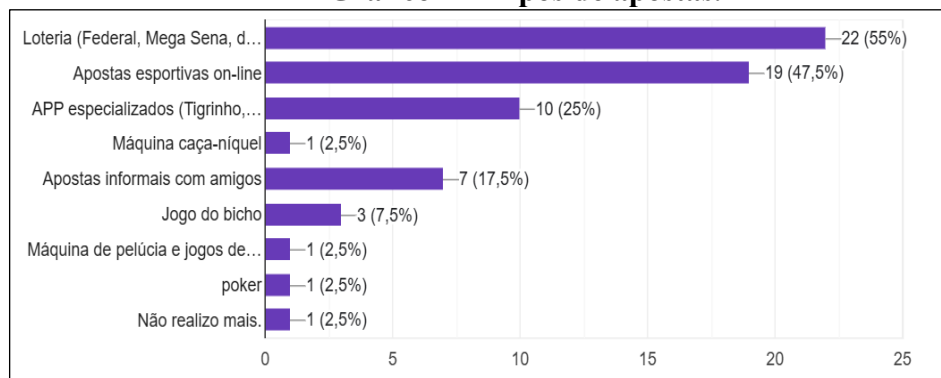
Em relação ao ano de ingresso, há uma maior participação de alunos matriculados entre o segundo e o quarto ano (ingressantes entre 2021 e 2023), enquanto apenas 5,0% dos apostadores estão no quinto ano (ingressantes em 2020).

Quanto ao estado civil, a maioria dos participantes é solteiro (85%), seguida por casados (10%) e aqueles em união estável (5,0%). No que se refere à renda, 67,5% dos jogadores declararam possuir renda de até três salários mínimos, enquanto 15,0% afirmaram não ter renda.

Após essa caracterização dos participantes, tanto dos 152 respondentes quanto do subgrupo de apostadores, apresenta-se, a seguir, uma análise mais detalhada sobre o perfil dos jogadores.

Conforme ilustrado no Gráfico 01, os tipos de apostas mais comuns entre os jogadores incluem: loterias (55%), apostas esportivas online (47,5%) e aplicativos especializados (25%), como jogos populares do tipo "tigrinho", entre outros. Apostas informais com amigos também foram mencionadas por 17,5% dos participantes. Outras modalidades citadas, ainda que com menor frequência, incluem máquinas caça-níquel, máquinas de pelúcia, poker e "jogo do bicho", cada uma relatada uma vez. Por fim, um dos respondentes afirmou ter deixado de realizar apostas.

Gráfico 1 – Tipos de apostas.

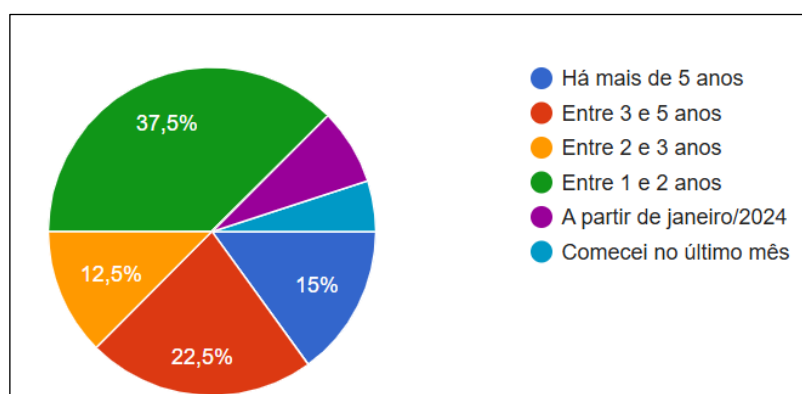


Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

No que diz respeito à motivação inicial para a realização de jogos e apostas, a maioria dos participantes indicou o entretenimento como principal razão (57,5%), seguido pela busca por ganho financeiro (32,5%). Motivações menos frequentes incluíram a partilha de experiências sociais (5%) e a busca por recursos para quitar dívidas (2,5%). Um dos respondentes relatou ter sido motivado tanto pelo entretenimento quanto pela possibilidade de obter ganhos financeiros. A prevalência do entretenimento como motivação inicial segue uma tendência histórica observada desde o período colonial no século XVI, quando as apostas eram amplamente associadas a atividades recreativas (IBJR, 2023).

Quanto ao tempo de envolvimento com jogos e apostas (Gráfico 2), constatou-se que a maioria dos jogadores já realiza essas práticas há mais de um ano, sendo os períodos mais frequentes: até 2 anos (37,5%), de 2 a 3 anos (12,5%), de 3 a 5 anos (22,5%) e há mais de 5 anos (15%). Apenas dois respondentes (5%) iniciaram a prática no último mês, enquanto três jogadores (7,5%) relataram ter começado a partir de janeiro de 2024.

Gráfico 2 – Tempo em que realizam apostas.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

No que tange à frequência com que os participantes realizam apostas, três respondentes (7,5%) afirmaram apostar diariamente, enquanto outros três (7,5%) realizam apostas mais de uma vez por semana, e quatro (10%) o fazem semanalmente. Os demais realizam apostas mensalmente (22,5%), trimestralmente (17,5%) ou semestralmente (22,5%). Respostas adicionais incluíram hábitos específicos, como “apenas na Mega da Virada” e “apostas feitas com recorrência no passado, agora raramente”.

Os meios de pagamento mais utilizados pelos jogadores/apostadores para financiar suas apostas são majoritariamente o PIX (82,5%), seguido por dinheiro (32,5%), cartão de crédito (10%) e cartão de débito (10%).

Ao serem questionados sobre a frequência com que já ganharam prêmios, 20% dos respondentes declararam nunca ter obtido ganhos. Entre os que ganharam, 65,6% relataram ter ganho mais de cinco vezes, 21,9% mencionaram ter ganhado de três a cinco vezes, 9,4% ganharam apenas uma vez, e 3,1% relataram ter ganho duas vezes. Quanto ao uso dos recursos dos prêmios conquistados, 34,4% dos jogadores “reinvestem” integralmente os valores em novas apostas, enquanto 15,6% utilizam a maior parte do prêmio em apostas esportivas e sacam uma parte menor para outros gastos pessoais. Dessa forma, observa-se que 51% dos respondentes utilizam seus ganhos para continuar apostando, perpetuando o ciclo da prática. Esse resultado está em consonância com o estudo do Instituto Locomotiva, no qual 60% dos ganhadores relataram “reinvestir” seus ganhos (Poder360, 2024). Este comportamento contribui para a retenção dos recursos dentro da indústria de apostas, limitando o retorno desses ganhos à economia geral, sobretudo porque as empresas do setor retêm taxas sobre o valor apostado, estimadas em 12% (Genial Investimentos, 2024).

Por outro lado, 28,1% dos respondentes afirmaram utilizar a maior parte do prêmio em outros gastos pessoais e apenas uma parte menor em novas apostas. Outros 18,7% destinam integralmente os ganhos a despesas pessoais, enquanto 3,1% dividem os recursos ganhos igualmente entre novas apostas e outros gastos. Estes últimos, ao direcionarem metade ou a maior parte dos prêmios para despesas externas, contribuem para o retorno de recursos à economia por meio de consumo individual ou familiar. No entanto, é importante considerar que as perdas geradas pela prática entram como custos no orçamento doméstico; quando as perdas superam os ganhos, o impacto pode ser significativo, especialmente em termos de equilíbrio financeiro pessoal ou familiar.

No que se refere ao impacto da prática de apostas na renda mensal dos participantes, a maioria (82,5%) relatou que as apostas consomem menos de 10% de sua renda. Para dois respondentes, o consumo é de 11% a 20%. Contudo, a prática é mais preocupante para um pequeno grupo de respondentes: um declarou consumir entre 21% e 30%, outro entre 31% e 40%, e um terceiro entre 41% e 50% de sua renda mensal com apostas. Dois respondentes afirmaram não saber estimar o impacto da prática em suas rendas.

Além do impacto financeiro, as apostas também podem gerar consequências na saúde mental dos jogadores. A maioria dos participantes (75%) relatou não ter sofrido consequências negativas devido à prática, enquanto 15% relataram impactos adversos e 10% não souberam responder. Entre as consequências relatadas, destacam-se ansiedade, estresse, endividamento, desavenças familiares e depressão.

A maioria dos participantes relatou que os recursos destinados a essa atividade não comprometem seu orçamento e que consequências negativas diretas decorrentes da prática de apostas não foram percebidas. No entanto, a situação torna-se preocupante para um pequeno grupo de respondentes: um deles afirmou gastar entre 21% e 30% de sua renda mensal em apostas, outro entre 31% e 40%, e um terceiro entre 41% e 50%. O jogador que consome entre 21% e 30% de sua renda mensal é do sexo masculino, cursa Ciências Contábeis, tem entre 18 e 24 anos, realiza apostas esportivas online de forma casual, por entretenimento, iniciou a prática há 2 ou 3 anos, utiliza metade dos prêmios para novas apostas e saca a outra metade. O uso das apostas como entretenimento e de forma casual, conforme relatado pelo respondente, pode indicar que ele ainda não se encontra em um estágio problemático. Todavia, o consumo entre 21% e 30% de sua renda mensal é significativo e pode indicar um grau de comprometimento financeiro que merece atenção, principalmente para evitar possíveis problemas de dependência ou dificuldades econômicas no futuro.

Por sua vez, o respondente que consome entre 31% e 40% cursa Administração, é também do sexo masculino, tem entre 18 e 24 anos, realiza apostas com muita frequência em aplicativos especializados, iniciou a prática em janeiro de 2024 com foco em ganhos financeiros e utiliza integralmente os prêmios para novas apostas. Esse resultado indica um perfil de jogador que demonstra maior envolvimento com a prática e maior risco. O foco em ganhos financeiros deve ser um fator de alerta, evidenciando que as apostas/jogos se tornaram uma tentativa de geração de renda. Essa mentalidade se traduz em um comportamento de risco, principalmente devido à utilização integral dos prêmios para novas apostas, o que cria um ciclo de “reinvestimento” contínuo e dependência dos resultados para sustentar a prática. O início relativamente recente da prática indica que o jogador ainda está em uma fase inicial, mas a frequência alta e o percentual elevado de renda dedicado às apostas podem ser indicativos de problemas futuros.

Finalmente, o jogador que consome entre 41% e 50% de sua renda mensal é do sexo masculino, cursa Administração, tem idade entre 18 e 24 anos, realiza apostas online diariamente e em aplicativos especializados, iniciou a prática há 2 ou 3 anos com foco em ganhos financeiros e

relatou consequências negativas, como ansiedade, estresse e endividamento. Este resultado evidencia um perfil de jogador em um estágio preocupante. A motivação focada em ganhos financeiros, aliada ao tempo em que iniciou a prática, bem como às consequências relatadas (ansiedade, estresse e endividamento), sugere que o jogador se encontra em um ciclo de dependência. As perdas aumentam a pressão para recuperar o dinheiro, gerando mais apostas e intensificando os impactos negativos.

A presente seção apresentou o perfil dos praticantes e as consequências que a prática resulta na saúde financeira e mental dos mesmos. A próxima seção permite compreender de forma mais ampla o comportamento dos acadêmicos diante das apostas online, sinalizando para a importância de estratégias de conscientização e intervenções que promovam práticas mais responsáveis, conforme defendidas por Silva et al. (2024).

4.2 Discussão dos Resultados

Embora a maioria dos respondentes não pratique apostas ou o faça de forma eventual, observou-se que o grupo que participa com maior frequência apresenta características compatíveis com o perfil descrito em estudos recentes sobre o tema, como o de El Khatib (2024) e do Instituto Locomotiva (Poder360, 2024). As pesquisas evidenciam que o público majoritário é formado por jovens adultos, do sexo masculino, com renda limitada e motivação inicial voltada ao entretenimento, padrão que também foi constatado entre os acadêmicos do CSA/UEM.

A prática de apostas, mesmo quando associada ao lazer, revela um comportamento potencialmente influenciado pela fragilidade de regulamentação, facilidade de acesso digital e pela forte presença de publicidade nas mídias sociais (Carvalho, 2024; IBJR, 2023; Silva et al. (2024). Entre os participantes da pesquisa, a prática foi percebida como pontual e recreativa. Todavia, a prática de “reinvestimento” dos prêmios e o comprometimento da renda sugerem a internalização de uma lógica de risco e retorno que pode, gradualmente, conduzir a hábitos de jogo mais frequentes, que acabam por gerar um ciclo vicioso, no qual o desejo de compensar perdas alimentam a continuidade da prática (Portal FGV, 2024).

Ainda que para a minoria, os resultados indicam a existência de impactos pontuais na saúde mental e financeira, especialmente em casos em que o jogo passou a ocupar uma parcela relevante da renda mensal. Situações de ansiedade, estresse e endividamento relatadas por alguns participantes demonstram a sobreposição entre o comportamento de lazer e a possibilidade de

dependência, o que corrobora as análises de El Khatib (2024) e Galvão (2024), que associam o vício em apostas a sintomas emocionais negativos e à perda de controle sobre as finanças pessoais.

No contexto universitário, tais resultados adquirem relevância adicional, visto que a fase acadêmica é marcada por transições e pela construção de autonomia financeira, fato que pode tornar o estudante particularmente vulnerável às promessas de ganhos rápidos. Ademais, dado que os homens jovens têm maior probabilidade de serem expostos à promoção de apostas esportivas incorporadas e se sentem pressionados a apostar para evitar o isolamento social dos colegas (El Khatib, 2024), estão mais vulneráveis à influência de pares e mídias digitais.

Diante desse cenário, o fenômeno das apostas online não deve ser compreendido apenas sob a ótica econômica, mas também como uma questão de comportamento e de cidadania financeira, exigindo ações integradas entre instituições de ensino, famílias, governo e sociedade civil. Os resultados da pesquisa reforçam os argumentos de Silva et al. (2024), ao apontar que a abordagem do “jogo responsável” confere à prática de apostas uma conotação de entretenimento, com tendência de legitimar e normalizar a prática, transferindo ao indivíduo a responsabilidade pelos danos e minimizando a percepção dos riscos sociais e psicológicos envolvidos. Assim, a regulamentação, embora necessária, é insuficiente se não vier acompanhada de políticas públicas de educação financeira, digital e emocional (IBJR, 2023; GOV, 2024).

Nesse contexto, a atuação de projetos extensionistas, como o *Finanças 360*, mostra-se estratégica para a conscientização sobre os riscos associados às apostas online e para o fortalecimento da educação financeira entre os estudantes. Por meio de ações educativas, campanhas de sensibilização e espaços de diálogo, o projeto contribui para a formação de uma postura crítica em relação às práticas de jogos e apostas, atuando como uma ferramenta de promoção da saúde pública e de cidadania financeira.

5 CONCLUSÃO

Tanto como forma de entretenimento quanto como atividade econômica, a prática de apostas está profundamente enraizada no cotidiano de diversas sociedades (Chagas, 2016), sendo o Brasil um exemplo notável dessa realidade. Com o crescente interesse pelas apostas esportivas, inúmeras plataformas online intensificaram seus investimentos no país, estabelecendo parcerias estratégicas com clubes de futebol, patrocinando campeonatos esportivos de grande destaque, como

o Brasileirão, e marcando presença em programas de ampla audiência, incluindo reality shows. Esse cenário reflete o aumento contínuo da procura por essas práticas ao longo dos anos.

O processo regulatório das apostas esportivas no Brasil teve avanços significativos nos últimos anos. Em 2018, a Lei nº 13.756 legalizou as apostas de quota fixa, estabelecendo diretrizes para sua regulamentação. Em 2023 o processo regulatório foi aprimorado pela Lei nº 14.790/2023, que definiu regras para a operação do setor, incluindo tributação, fiscalização e exigências para as empresas atuarem no país. A regulamentação visa garantir a segurança dos apostadores, prevenir fraudes e promover a arrecadação de recursos para áreas como esporte, segurança e educação. Contudo, práticas relacionadas a jogos de azar não regulamentados, frequentemente hospedados em plataformas clandestinas e associados a esquemas de pirâmide, também ganharam notoriedade no país. Apesar de ilegais, essas práticas tornaram-se amplamente acessíveis, sendo inclusive utilizadas por crianças via dispositivos móveis, resultando em preocupações relacionadas ao vício e a problemas financeiros.

Diante da expansão das práticas de jogos e apostas, bem como das suas possíveis implicações para a saúde mental e financeira de indivíduos e famílias, o presente estudo teve como objetivo investigar a prática de apostas online entre os acadêmicos dos cursos do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CSA) da Universidade Estadual de Maringá. A análise dos dados permitiu compreender padrões de comportamento que refletem a diversidade de práticas e hábitos relacionados às apostas, bem como as implicações da prática na saúde financeira e mental dos praticantes.

Os resultados indicaram que, para a maioria dos participantes, a motivação inicial para as apostas é o entretenimento, seguido pela busca de ganhos financeiros, alinhando-se a tendências históricas de uso das apostas como forma de lazer. No entanto, embora o impacto financeiro na renda mensal tenha sido relatado como baixo pela maioria dos apostadores, observou-se que um pequeno grupo dedica uma parcela significativa de seus rendimentos à prática, o que pode comprometer o equilíbrio financeiro pessoal ou familiar. Além disso, a prática revelou-se uma atividade que, em alguns casos, gera consequências negativas para a saúde mental, como ansiedade, estresse, endividamento e depressão.

Outro ponto relevante identificado foi o comportamento recorrente de “reinvestimento” dos prêmios ganhos em novas apostas. Mais da metade dos apostadores utiliza a maior parte ou a totalidade dos valores ganhos para continuar apostando, o que fortalece o ciclo da prática e reduz a contribuição potencial de utilização desses recursos na economia em geral. Essa dinâmica

fortalece os ganhos das empresas do setor, que retêm uma parcela significativa das apostas por meio de taxas e serviços.

É importante destacar que a maioria dos participantes relatou não sofrer consequências negativas diretas das apostas, embora o impacto seja evidente em casos isolados, principalmente quando a prática se intensifica e passa a consumir uma parte significativa da renda ou a interferir no bem-estar psicológico. Assim, a pesquisa reforça a necessidade de ações educativas que promovam o uso responsável das apostas, bem como de iniciativas que busquem minimizar seus impactos negativos, sobretudo entre jovens universitários.

Conclui-se que as apostas configuram um fenômeno contemporâneo e socialmente normalizado como forma de lazer, com implicações relevantes nas esferas financeira, psicológica e social, reforçando a necessidade de abordar o tema sob a ótica da saúde pública, com foco em estratégias preventivas, mais do que em intervenções voltadas exclusivamente ao tratamento. Portanto, compreender essa prática entre jovens é passo fundamental para a construção de estratégias de prevenção e políticas públicas, exigido atenção conjunta de instituições de ensino, famílias, governo e sociedade civil.

Como limitações, o estudo restringe-se a um grupo específico de estudantes universitários, o que resulta em não refletir a totalidade dos padrões de comportamento em outros contextos sociais e demográficos. Ademais, a pesquisa contou com um baixo número de respondentes, possivelmente influenciado pelo receio dos participantes em expor informações sensíveis acerca de potenciais vícios relacionados a jogos e apostas. Dessa forma, é importante ressaltar que os dados apresentados neste estudo não podem ser considerados representativos de forma generalizada, limitando as conclusões ao contexto específico analisado. Pesquisas futuras podem explorar outros segmentos populacionais, inclusive alunos do ensino médio, ou ainda, analisar a influência de variáveis culturais e regionais e investigar estratégias para promover a prática responsável de jogos e apostas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DAS APOSTAS BRASIL. **O crescimento do mercado de apostas esportivas no Brasil**. 01/09/2024. Disponível em: <https://www.academiadasapostasbrasil.com/blog/2024/09/o-crescimento-do-mercado-de-apostas-esportivas-no-brasil> . Acesso em: 20 out 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Gastos com bets adiam graduação para 34% dos jovens em 2025.** Brasília, 8 jul. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-07/gastos-com-bets-adiam-graduacao-para-34-dos-jovens-em-2025>. Acesso em: 8 out. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Análise técnica sobre o mercado de apostas online no Brasil e o perfil dos apostadores.** Estudo Especial nº 119/2024, Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE119_Analise_tecnica_sobre_o_mercado_de_apostas_online_no_Brasil_e_o_perfil_dos_apostadores.pdf. Acesso em: 04 nov. 2024.

BRASIL, Lei 14.790/2023, de 29 de dezembro de 2023. Dispõe sobre a modalidade lotérica denominada apostas de quota fixa. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114790.htm. Acesso em: 25 out. 2024.

CARVALHO, Bruno. **O Impacto das Apostas Esportivas nas Finanças Pessoais: uma análise do apostador esportivo em Florianópolis.** (Trabalho de Conclusão de Curso-graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2024. 39 p.

CHAGAS, Jonathan Machado. **A (im)possibilidade de regulamentação das apostas esportivas no ordenamento jurídico brasileiro.** (Trabalho de Conclusão de Curso-Bacharelado em Direito). Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. 88 p.

EL KHATIB, Ahmed Sameer. ***Diversão ou Armadilha? Um estudo exploratório das Apostas Esportivas (Bets) entre Universitários Brasileiros sob a Lente da Teoria do Comportamento Planejado (TCP).*** Scielo, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10133/version/10705>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ESTADÃO. **Bets: 86% das pessoas que apostam têm dívidas e 64% estão negativadas na Serasa, diz pesquisa** - Agosto de 2024. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/educacao-financeira/bets-esportivas-apostas-dividas-negativados-pesquisas/>. Acesso em: 25 out. 2024.

ESTADÃO. **O que são bets?** - Outubro de 2024. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/ultimas/o-que-sao-bets-e-qual-o-significado-do-nome/#:~:text=No%20contexto%20de%20jogos%20de,diversas%20>. Acesso em: 01 nov. 2024.

G1. GLOBO. **Empresária de Maringá perde no jogo do tigrinho e fica com dívida de R\$ 110 mil: “Consequência de um erro”** - Julho de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2024/07/16/empresaria-de-maringa-perde-no-jogo-do-tigrinho-e-fica-com-divida-de-r-110-mil-consequencia-de-um-erro.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2024.

GENIAL INVESTIMENTOS. **Bets: Mapeando o impacto das apostas on-line no varejo brasileiro.** Publicado em setembro de 2024. Disponível em: <https://analisa.genialinvestimentos.com.br/acoes/carrefour/bets-mapeando-o-impacto-das-apostas-on-line-no-varejo-brasileiro/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOV.BR. **Regulamentação da legislação de bets torna atividade mais segura no Brasil** - Setembro de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contr>

fake/noticias/2024/09/regulamentacao-da-legislacao-de-bets-torna-atividade-mais-segura-no-brasil. Acesso em: 04 nov. 2024.

IBJR. **História das apostas no Brasil**. Disponível em: <https://ibjr.org/historia-apostas-brasil/>. Acesso em: 25 out.2024.

KLEINE, Manoela Corrêa. **Tomada de decisão em jogos de aposta: o papel da alfabetização financeira e dos vieses cognitivos entre estudantes universitários**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Florianópolis, 2025.

LANCE! **Melhores casas de apostas do Brasil em 2024** - Novembro de 2024. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sites-de-apostas/10-melhores-sites-de-apostas-esportivas-do-brasil.html>. Acesso em: 04 nov. 2024.

LUNETAS. **Tigrinho vai à escola: apostas invadem recreios e salas de aula**. 11.09.2024. Disponível em: <https://lunetas.com.br/tigrinho-nas-escolas-apostas-invadem-recreios-e-salas-de-aula/>. Acesso em: 26 out.2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PODER360. **Bets: perfil dos apostadores**. Agosto de 2024. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2024/08/Locomotiva-Bets-perfil-dos-apostadores-ago-2024.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

POLITIZE. **Entenda a polêmica por trás do jogo de azar** - Junho de 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/jogo-do-tigrinho/>. Acesso em: 30 out.2024.

PORTAL FGV. **“Bets eleitorais”** - Outubro de 2024. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/bets-eleitorais>. Acesso em: 31 out.2024.

PÚBLICA. **Tigrinho vai à escola: apostas invadem recreios e salas de aula** - Setembro de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/09/tigrinho-vai-a-escola-apostas-invadem-recreios-e-salas-de-aula/>. Acesso em: 31 out.2024.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFERNET. **Projeto da SaferNet e do Governo do Reino Unido oferece caderno de aulas suporte gratuito para professores e estudantes de todo o país**. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/disciplina-de-cidadania-digital-e-destaque-no-jornal-nacional-e-no-fantastico>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, Francisco Cláudio Freitas; LEITE, Ramon Silva; REZENDE, Sérgio Fernando Loureiro; PINTO, Marcelo de Rezende. Carta aberta de pesquisadores brasileiros para membros do Governo Federal e a sociedade em geral a respeito da necessidade de fundos de pesquisa independentes para lidar com os impactos sociais do crescimento das apostas esportivas no país. **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 24, n. 67, p. 4–10, 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/economiaegestao/article/view/32903>. Acesso em: 01 nov.2024.

GALVÃO, Livia. **Brasileiros sentem o impacto social e econômico do vício nas bets**. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - Setembro de 2024. Disponível em: <https://www.uff.br/04-09-024/brasileiros-sentem-o-impacto-social-e-economico-do-vicio-nas-bets/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

UOL. **Os grupos estrangeiros bilionários que faturam com as bets no Brasil** - Outubro de 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/10/10/bets.htm>. Acesso em: 04 nov. 2024.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.